

Miguel Real

Escritor, especialista em Cultura Portuguesa, o seu assunto central é Portugal, tema para ele infinito, desdobrando-se pelos vários géneros que abraça, parecendo estar à vontade em todos eles. Diz que não pensava ser escritor, que escrevia confissões para si próprio, que não mandava para nenhum editor. Parece satisfeito, ainda um pouco aturdido com o imponderável sucesso, mas grato, luminoso, cheio de futuro. Sente-se nele uma tranquila inquietação, diariamente exposta ao mar das Azenhas de Sintra, no qual podemos vê-lo colher o sopro singular que faz dele um autor poderoso.

TEXTO Sarah Adamopoulos — FOTOGRAFIA Pedro Azevedo

No texto que introduz o livro *Memórias de Branca Dias*, refere-se a dado passo ao «encantamento que só a literatura concede». Fale-me desse encantamento.

A literatura sofre o processo da arte, que é conseguir transmitir a uma vida normal um suplemento de delírio suficiente para dar sentido a essa vida. A literatura, como toda a arte, não é um produto como outro qualquer, como por exemplo sabonetes ou pizzas. A literatura é algo mais sagrado do que isso. Escrever uma página por dia é como ir à missa todos os dias. Acreditando-se num deus que não existe, que é o deus da literatura. Em que os santos são os escritores. O Padre António Vieira fez anos no outro dia, e fez-se uma santificação da obra dele, uma sacralização. O encanto que a literatura traz é dar um sentido, unificado, harmónico e be-

lo, à vida de uma pessoa que é igual a todas as outras. Como eu, que sou professor, sou pai, sou amigo, sou sintrense, tal como milhares de outras pessoas, que são professoras, pais ou mães, amigas, sintrenses. Encontrei na literatura, sobretudo no ensaio e no romance, essa unificação das partes avulsas da minha vida. Digamos que eu seria um homem extremamente fragmentado e dotado apenas de uma felicidade medíocre – que é a felicidade normal do cidadão. Sim, a felicidadezinha (o O'Neill diria «a vidinha») Encontro na literatura esse *quid*, esse patamar superior que me dá grata felicidade. E dá-me tanto mais quanto eu não quis (nem quero) fazer carreira de escritor, nunca pensei ser escritor, e as coisas foram acontecendo totalmente por acaso, muito suscitadas por sinais, e pressões exteriores, mais do que por

grandes vontades interiores. Mas a partir da *Voz da Terra*, em 2005, comecei efectivamente a ter uma disciplina muito grande.

Em que consiste, em termos práticos, essa disciplina do «seu» escritor?

Levanto-me às seis da manhã para escrever. Mas escrevo a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer sítio. Escrevo como estou a respirar. D. Francisco Manuel de Melo dizia «quantas horas vivo, assim escrevo». Escrevia na prisão, escrevia nos barcos, até na véspera da guerra da Catalunha, ele passou a noite a escrever. Eu sou assim também, escrevo na casa de banho se for preciso, em qualquer sítio, sobre qualquer tipo de papel. Quando não tenho papel, escrevo na mão – depois passo para o papel. Tenho uma dificuldade: escrever ficção directamente para o computador. Quando sou obrigado a fazê-lo, impri-





Bi

Nasceu em Lisboa, em 1953. É licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e Mestre em Estudos Portugueses, pela Universidade Aberta, com uma tese sobre Eduardo Lourenço. Especialista em cultura portuguesa, Miguel Real é, actualmente, professor de Filosofia e colaborador do «Jornal de Letras», onde faz crítica literária. Da sua obra fazem parte o ensaio, o romance, o teatro e a filosofia. Recebeu o Prémio Revelação de Ficção da APE/IPLB (*O Outro e o Mesmo*), o Prémio Revelação de Ensaio Literário da APE/IPLB (*Portugal - Ser e Representação*), o Prémio LER/Círculo de Leitores (*A Visão de Tândalo por Eça de Queirós*) e o Prémio Literário Fernando Namora (*A Voz da Terra*).

paixão que muitas outras pessoas têm. Quando pensamos que ele é um padre jesuíta, do século XVII, hesitamos, mas quando começamos a lê-lo descobrimos que ele é de facto uma das mais fantásticas personagens da História de Portugal. Em primeiro lugar, ele é o português mais fracassado de todos os tempos. Tudo o que ele pensou, tudo o que sonhou, as profecias, os planos políticos que gizou com o D. João IV, tudo isso fracassou. Uma vez ele foi a Amesterdão para comprar vinte barcos, e só conseguiu comprar um. Tudo na vida dele era assim. Tentou casar por duas vezes o príncipe Teodósio, que era o filho de D. João IV, nunca conseguiu. Tudo o que ele presumiu realizar na sua vida fracassou. Mas mesmo assim, ele assumiu sempre três grandes lutas de denúncia social, que são absolutamente singulares, porque não encontramos mais nenhum sacerdote ou missionário a fazer o que ele fez: a luta pela libertação dos índios no Brasil, ao longo de vários anos, continuamente ameaçado de morte, e depois expulso do Brasil. Chamavam-lhe abutre, diziam que ele queria os índios só para si, e que não os dava aos colonos. Se hoje temos os dialectos tupis no Brasil a ele também os devemos. Fez depois a defesa dos negros escravos. Nunca pediu a abolição da escravatura, mas defendeu a humanização do

ria, antes a illumine». O que faz com a História nos romances históricos que escreve?

Antigamente, até ao 25 de Abril, pensava-se que o romance histórico era a reprodução, mais ou menos exacta, da realidade. Um autor era tão mais fiel ao romance quanto mais fiel fosse à História. Pelo menos desde os contos do Borges. Mas também em Portugal, desde o *Memorial do Convento* que se tem uma outra concepção do romance histórico. O romance histórico trata efectivamente de um determinado período histórico, num determinado lugar, mas não tem de reproduzir fielmente, veridicamente, a própria História. Pelo contrário. O romance histórico deve, reproduzindo a realidade, abrir outros horizontes. Mostrar as outras possibilidades que aquela sociedade tinha e não desenvolveu. Nesse sentido, o Borges é magistral, e a dado passo o que escreve deixa de ser romance histórico para ser romance fantástico. O romance histórico pretende por um lado dar numa visão pequena, ficcional, o modo como as pessoas sentiram, se emocionaram, casaram, tiveram filhos, viveram, foram felizes ou infelizes, morreram. Até ao 25 de Abril considerava-se que isso chegava, e o grande romancista histórico era aquele que reproduzia com absoluta fidelidade uma rua, uma ca-

sa, a roupa de uma mulher, era alguém que documentava, sim. Hoje considera-se que o romance histórico tem como tarefa dar uma visão condensada de uma sociedade de outro tempo, mas dando inteira liberdade ao autor para trabalhar esse tempo, não só nos sentimentos eternos dos homens (o amor, a amizade, a tragédia, etc.), mas também mostrar facetas que estavam contidas mas que não foram realizadas. A definição académica determina que o romance histórico aconteça até três gerações antes do autor, o que significa que o autor não pode ter falado com ninguém que tivesse vivido na época sobre a qual se debruça. Iluminar é também isso, é mostrar, de relance, os sentimentos que as pessoas tinham na época.

O romance histórico parece outra vez um género muito amado.

Tenho uma explicação para isso: a seguir ao 25 de Abril nós ficámos mal com a nossa História. A História era o fascismo, era os Descobrimentos, era o império de onde fomos expulsos. O primeiro grande livro de reconciliação com a nossa História é o *Memorial do Convento*, de Saramago, que nos reconciliou com o século XVIII, com o D. João V, com as grandes obras dos portugueses. O segundo é *A Voz dos Deuses*, do João Aguiar, que é um romance sobre Viriato, e que nos re-

concilia com o nosso passado mais remoto. O terceiro é *A Casa do Pó*, de Fernando Campos, que nos reconcilia com o império. Quando entramos na Europa há uma geração que começa a apagar tudo o que era a memória portuguesa, e o Padre António Vieira praticamente desaparece. Mas agora, que já estamos no império, que já sabemos falar inglês, que já temos carro e cartão de crédito (havendo até pessoas que já têm duas casas), começamos a dar importância à nossa cultura. Agora que já somos iguais aos franceses e aos ingleses, já podemos outra vez valorizar a nossa própria História. E daí o romance histórico estar na moda, porque a nossa mentalidade colectiva precisava de encontrar culturalmente as suas raízes.

Penso que é essa sua abordagem ao romance histórico, através também da qualidade da sua escrita, que surpreende. Uma escrita interior, feita com o sangue e as entranhas. Surpreende também o seu à-vontade a tomar para si a voz das mulheres (Branca Dias, Snu Abecassis). Que ousadia é essa?

É uma escrita quase pós-moderna, sobre um passado histórico. Sobre as mulheres, não tenho explicação para isso. Apaixonei-me por elas, pela Branca Dias, e pela Snu. No caso da Snu, estava a apetecer-me escrever um romance de amor, e a ideia era a de que não há

Inovar «O romance histórico deve, reproduzindo a realidade, abrir outros horizontes. Mostrar as outras possibilidades que aquela sociedade tinha e não desenvolveu»

mo, e depois emendo. Emendo imenso. Faço oito, dez revisões. Gasto papel, tinta... Levanto-me e começo logo a escrever. Depois dou aulas, e estou na escola. O resto do dia estou sempre a escrever. A ler e a escrever. Depois a Inês [a filha] chega de Lisboa, a Filomena [a mulher] chega de Sintra, faço um pouco de vida familiar. Vejo pouca televisão, ouço muita música, como deixei de ter os CD [Miguel Real perdeu tudo num incêndio] passei a ouvir a Antena 2, que me dá uma grande paz mental. E como perdi muitos livros, passei a frequentar a biblioteca. O ordenado de professor não dá para comprar livros. Nem eu queria [comprar livros], já não me apetece ter livros. Tenho portanto uma rotina tranquila. Aos fins-de-semana vou muito às livrarias, às sessões de autógrafos, vou a congressos, vejo amigos. Se calhar ficou decepcionada com a minha descrição dos meus dias.

Nada (risos). Sei que tem um livro novo sobre o Padre António Vieira.

Sim, tenho até dois. Um romance sobre a vida dele no meio dos índios Tupis, e um ensaio sobre a vida e a obra dele.

Que ligação fortíssima é essa com o Padre António Vieira?

É uma ligação que é fácil. Quando temos a presunção de que somos escritores, começamos a ler o Padre António Vieira e sentimo-nos tão gafanhotos, tão formigas, que ficamos em absoluto fascínio perante a escrita dele. O Padre António Vieira é indubitavelmente o melhor prosador português. Nem Eças, nem Camilos... Fernando Pessoa e Camões estão ao nível dele, mas na poesia. Descubri o Padre António Vieira há talvez dez anos. Aliás, na minha vida começou tudo há cerca de dez anos (risos). Em 2001 concorri a uma bolsa do Centro Nacional de Cultura para fazer o itinerário brasileiro do Padre António Vieira. Andei quatro ou cinco meses pelo Brasil, por todo o lado onde ele esteve, e por outros, com o objectivo de escrever um romance. Que escrevi, mas nunca foi publicado. Em princípio sê-lo-á este ano. Chama-se *O Sal da Terra*, que é uma frase dele. Voltei depois ao Brasil, novamente com o Centro Nacional de Cultura – o CNC é um pouco culpado desta grande paixão pelo Vieira. Uma

trabalho dos negros, continuamente, à frente dos senhores de engenho e dos governadores, no púlpito das igrejas onde falava, denunciando-os a todos como autênticos ladrões do trabalho dos negros. Vieira faz equivaler o trabalho dos negros às penas por que passou Nossa Senhora quando Jesus Cristo morreu. Depois, a luta pelos judeus, pelos cristãos-novos, ele é o primeiro a pedir o fim da diferenciação entre cristãos-novos e judeus, o que o marquês de Pombal veio a fazer cem anos depois. Estas lutas fazem dele um homem intrépido. Atravessou o oceano Atlântico sete vezes, foi preso por corsários, sofreu naufrágios, perseguições... No meio de toda esta adversidade, ele é o melhor orador e pregador português, alguém que trata a língua portuguesa com uma mestria que nunca foi igualada, que ao nível da prosa transformou o português numa língua bela. Qualquer país teria imenso orgulho em ter o Padre António Vieira. E lê-lo é admirá-lo, e é ficar apaixonado pelo homem e pela obra.

A dada altura, num dos seus livros, defende a ideia de que «a ficção não reproduza a Histó-

215x145 1/2 pág baixo

um só amor para toda a vida. Pedro e Inês é um amor eterno, D. Pedro está em Alcobaça virado para o túmulo de Inês, e quando resuscitar, no fim dos tempos, a primeira coisa que vai ver é o rosto de Inês. Mas hoje (entenda-se finais do século XX, princípios do XXI) pode haver um segundo amor, tão feliz, tão romântico, tão estimulante e entusiasmante quanto um primeiro amor. Mas nos anos oitenta, quando Snu e Sá Carneiro apareciam em todo o lado, não era assim, e eles eram aliás imensamente criticados por todos: pela Igreja, por Mário Soares, pelo Partido Comunista, e até pelo seu próprio partido. Não tive a intenção de tomar para mim a voz das mulheres, por amor de Deus, mas sobretudo nos monólogos, e nos romances intimistas, é um facto que me sinto mais à vontade a descrever as mulheres do que os homens. Já em termos sociais, económicos, reais, políticos, sinto-me mais à vontade a tratar os homens.

A que atribui isso?

A traumas infantis, porventura, não sei (risos). Talvez a pequena explicação para esta propensão que me faz interessar pelas mulheres nos meus romances esteja noutra coisa: no apagamento das mulheres. Aliás, o primeiro manuscrito de *O Último Minuto da Vida de S.* era o Sá Carneiro a falar.



que dão origem a esse contínuo ciclo de sucessos e fracassos. O complexo viriatino, de Viriato, que nos faz considerar-nos pequenos, humildes, porém fomos à Índia.

Valorosos, que apenas na adversidade conseguem superar-se.

Exactamente. Mas depois perdemos a independência, e surge o complexo vieirino: fomos grandes, havemos de voltar a sê-lo, e seremos sempre grandes pelo Quinto Império. É a grande tese profética do Padre António Vieira: a que acredita que Portugal vai dar uma nova luz ao mundo, uma luz de paz, harmonia, amor e abundância. Os portugueses vão trazer isso ao mundo inteiro. Através dos missionários, e dando ele exemplo com a sua própria vida.

Uma projecção absurda num futuro imaginário.

Mais do que absurda, delirante. O futuro, para Vieira, era no ano de 1666, o ano da Besta, porque ele era esotérico. E no entanto, no momento glorioso de Portugal, ele estava preso pela Inquisição nos subterrâneos de Coimbra. Mas mesmo assim não deixou de acreditar no Quinto Império, até à morte. Esse sonho de Vieira nunca se realizou, e, cem anos depois, veio o marquês de Pombal dizer que nós éramos pobres, pobres, miseráveis, inferiores a qualquer outro povo europeu, e aqueles que expul-

Obras publicadas

Ensaio

G. W. Leibniz: O Paradoxo e a Maravilha (1995).
Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em Memorial do Convento, de José Saramago (1996).
Introdução à Filosofia da Saudade no Século XX (1998).
Portugal - Ser e Representação (1998).
Padre António Vieira e o Ano de 1666 (1999).
A Geração de 90 - Romance e Sociedade no Portugal Contemporâneo (2001).
Eduardo Lourenço - Os Anos de Formação: 1945 - 1958 (2003).
O Essencial sobre Eduardo Lourenço (2003).
O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa (2005).
O Último Eça (2006).
A Morte de Portugal (2007).
Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa (2007).
Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa (2008).

Ficção

O Outro e o Mesmo (1980).
Carta de Sócrates a Alcibíades, Seu Vergonhoso Amante (1987).
A Verdadeira Apologia de Sócrates (1998).
A Visão de Tândalo por Eça de Queirós (2000).
Memórias de Branca Dias (2003).
A Voz da Terra (romance, 2005).
O Último Negroiro (2006).
O Último Minuto da Vida de S. (2007).
Diário
Atlântico, a Viagem e os Escravos (2004).
Teatro
 (Em co-autoria com Filomena Oliveira)
Memorial do Convento (adaptação dramática para as Companhias de Teatro de Almada e de Sintra, 1999).
Os Patriotas, sobre a Geração de 70 (Quinta da Regaleira, 2001), *O Umbigo de Régio* (Teatro Trindade e Barraca, 2003), *Liberdade, Liberdade!* (Palácio Mantero, Sintra, 2004).
1755. O Grande Terramoto (Teatro da Trindade, 2006).

Portugal «Sempre me fez imensa impressão esta capacidade portuguesa para ora nos vangloriarmos ora chorarmos, esta ciclotomia contínua entre a esperança e o fracasso».

Na altura falava-se da Snu, sim, mas à boca pequena.

Exacto, tal como aconteceu com Branca Dias, que era uma mulher judia, cuidado, foi ela que infectou o Brasil de sangue judeu. Penso que é antes de mais uma sede de justiça, que me leva a reinventar mulheres que foram felizes, que amaram, foram mulheres realizadas, mas que a História vem a esquecer.

Tanto Branca Dias como Snu Abecassis foram, por outro lado, mulheres que enfrentaram o seu tempo.

São mulheres que de certo modo abriram novos horizontes à sociedade. Sá Carneiro e Snu anunciam o divórcio à sociedade, é a partir deles que o divórcio se vulgariza, o próprio primeiro-ministro, no final dos anos setenta, aparecia com uma mulher loura, e estrangeira, nos comícios e em todo o lado. Mas apesar disso, Snu desaparece das biografias oficiais. Embora tenha feito uma obra espantosa à frente da D. Quixote, que foi em Portugal como um céu num inferno. Em Portugal só se editavam

os velhotes, Alves Redol, Rodrigues Miguéis... e aparece a D. Quixote com *O Delfim*, de Cardoso Pires, ou aqueles cadernos americanos de jornalismo de investigação, sobre os negros, as mulheres, as guerras... se não se podia falar da guerra de Angola falava-se da guerra do Vietname. Snu abre ainda as portas à poesia, muito antes da Assírio e Alvim, e até da Presença.

Não são umas mulheres quaisquer, as suas heroínas.

De modo algum. São mulheres realizadas, que abrem horizontes à sociedade e que a sociedade depois renega, por preconceito, evidentemente. No caso de Snu e de Sá Carneiro, eram ambas pessoas realizadas, eram bons profissionais, que já tinham tido filhos, que tinham uma mentalidade europeia, e que a partir dos quarenta anos vivem um segundo amor fortíssimo. Andam de mão dada, numa altura em que as mulheres ainda davam o braço aos homens. Eles tinham um amor quase juvenil um pelo outro, e a minha ideia foi também demonstrar que um segundo amor pode ser tão impor-

tante e tão romântico quanto um primeiro. Demonstrar também que não há o amor eterno. O amor é eterno enquanto dura.

O seu assunto, no fim de contas, é sempre Portugal.

Sim, a cultura portuguesa. Até certa altura, mais do que o romance, praticava sobretudo o ensaio. E sempre me fez imensa impressão esta capacidade portuguesa para ora nos vangloriarmos ora chorarmos, esta ciclotomia contínua entre a esperança e o fracasso. Quando foi a Expo'98 tínhamos e demonstrávamos uma alegria e um orgulho em ser portugueses, mas em 2000 já estávamos todos a chorar. Essa capacidade de sofrimento, de auto-humilhação perante os outros povos, sempre me impressionou. Há uma mágoa fortíssima que não conseguimos arredar do coração, se à tarde bebemos um tinto e comemos umas sardinhas e até parecemos felizes, à noite já estamos derrotados. Acho que consegui encontrar uma explicação para isso n' *A Morte de Portugal*. Ao longo da nossa História, nós sofremos quatro grandes traumas,

215x145 1/2 pág baixo

sámos, os judeus, fizeram a Holanda, o país mais rico do mundo de então. O marquês de Pombal marca o complexo da humilhação [complexo pombalino]. Temos de ser iguais aos ricos. Sócrates é um pombalino puro, até faz impressão, demitiu o ministro da Saúde, mas em vez de dizer que foi porque o povo não estava a gostar dele, não, negou, e diz que a política para a Saúde não vai mudar. Autoritário como o Pombal. Finalmente, o complexo canibalista, que é o pior de todos: a pequenina inveja, a mesquinhez de vizinho para vizinho, de colega para colega, luta de pequeninos galos que se digladiam para atingir um poleiro muito pequenino, mas que os enche a todos de orgulho contentinho. O canibalismo é um estado de contínua perseguição que os portugueses têm feito a si próprios, desde 1640 até ao 25 de Abril. Com polícias ferozes, que matavam as pessoas. O Partido Comunista, por exemplo, estava para a PIDE como os judeus estavam para a Inquisição. *A Morte de Portugal* o que é? É o fim desse Portugal que deu origem a esses quatro complexos [viriatino, vieirino, pombalino e canibalista], porque entrámos na Europa, e passámos a ser um país normal, igual aos outros todos. Vestimos como os franceses e

os ingleses, e os italianos, e todos os outros povos, comemos o que eles comem, com os garfos que eles também usam, temos as escovas que eles têm, os mesmos hospitais...
... e cada vez mais será assim.

Exacto, até deixarmos de ser Portugal. O nosso território não vai desaparecer, mas o Portugal que deu origem aos portugueses apaixonados, saudosos, líricos, aventureiros, emigrantes, e no entanto simples, humildes, está a desaparecer e vai dar origem a uma região da Europa, chamada Portugal, com museus regionais, e casas de fados, mas como povo singular vamos desaparecer. E isto é inevitável. E não vale a pena chorar. Ao desaparecer esse outro povo que fomos, desaparece também este ciclo de saudade e de sucesso, de aventura e de fracasso, de amor e ódio, ou seja, esta esquizofrenia. A Europa é um caldeirão cultural, onde se diluem todas as culturas, fazendo emergir uma cultura racionalista, informatizada, técnica. A nova geração de bancários, por exemplo, já não sofre com esses ciclos. Nós já não sofremos de analfabetismo, como o antigo Portugal, sofremos de iliteracia, o que faz toda a diferença. Os dirigentes políticos de hoje não têm dores de alma. São homens europeus puros, sem

complexos, são técnicos, preparados para otimizar Portugal. O que lhes falta então? Faltam-lhes os grandes princípios do Portugal histórico, a razão para Portugal existir. Se os serviços de saúde de Espanha são melhores do que os portugueses, então vamos a Espanha. Somos hoje por isso um país sem complexos.

A Morte de Portugal é apresentado como um ensalozinho desprezioso, mas julgo que condensa ideias importantes, que mereciam suscitar debates. É também um texto político muito desassombrado, e muito duro também.

Está a nascer um Portugal europeu, que é um país com uma mentalidade racionalista, que apenas valoriza a eficiência, e no qual a transcendência não tem lugar. Dar sentido à vida, hoje em dia, é gozar a vida. Gozar a vida é ir para a farra, é ir ao futebol, beber umas cervejas, ter grande actividade sexual, ir ao Brasil apanhar sol. O homem está reduzido a um corpo, a carne, o canal do Estado mostra reportagens sobre troca de casais, que sentido tem isto? Fazemos sacrifícios brutais para isto? As escolas sem dinheiro para nada, as maternidades fechadas, o desemprego a crescer, para quê? Para baixar uns pontos percentuais num orçamento de Estado?«

Memórias de Branca Dias

Adelino Gomes, certo dia em entrevista para o *Público* perguntou-lhe como é que tinha conseguido escrever tantos livros em tão pouco tempo. A pergunta impõe-se, já que entre livros didácticos, ensaios, romances, novelas, um diário e textos para teatro, Miguel Real publicou até à data mais de 25 títulos. Questionado sobre a prolfíca produção, explica que talvez seja porque escreve todos os dias - à mão, em cadernos que se vão enchendo, dando lugar a mais cadernos. Acrescenta que, idealmente, escreveria sempre só depois de tranquilamente pensar, de ir ver o mar, de ler um livro, voltar a pensar - o que ultimamente (a braços com todo o tipo de solicitações, nomeadamente

colaborações para a imprensa) nem sempre consegue. Nunca pensou ser escritor, escrevia só para si, umas «coisas tristes» nuns cadernos, onde punha tudo: os filhos, os vizinhos, as notícias que lla - uma coisa fragmentada, destinada a nada ser de relevante. Mas de repente começaram a aparecer uns contos. E um dia foi a Buenos Aires e voltou de lá com uma ideia para um livro - com que viria a ganhar o Prémio LER/Círculo de Leitores em 2000 (*A Visão de Tândalo por Eça de Queirós*). Mas mesmo assim, não se levou a sério, e prosseguiu lendo, lendo imenso, gastando metade do ordenado em livros. Que quando se lê, é normal que se escreva. Começou então a escrever uns «ensaios pequeninos», coisas de carácter universitário, que não tinham «decerto importância nenhuma» para os

não-académicos. E só com Branca Dias (a personagem central do livro *Memórias de Branca Dias*) começa a levar-se (vagamente) a sério. No Brasil, por onde andou com uma bolsa do Centro Nacional de Cultura, cruzou-se certo dia com um editor brasileiro (de ensaios e textos históricos), que ao ouvi-lo falar do seu desejo de escrever sobre o Padre António Vieira, olhou para ele com genuína piedade (quem se atreva assim a desejar sequer escrever sobre Vieira?) e lhe disse que ele devia mas era escrever sobre Branca Dias. Quem é, perguntou Miguel Real, que nunca tinha ouvido falar dela. A mãe de todos nós, respondeu o editor brasileiro. Diga-me um livro onde eu possa ler sobre ela, pediu Miguel. Não há, disse o editor. Ela não deixou rasto, esclariçou. Tudo o que há é isto. E estendeu-lhe uma

entrada de dicionário, a partir da qual Miguel Real escreveu o romance *Memórias de Branca Dias* - transformando o romance histórico noutra cousa: a tal «que só o encantamento da literatura concede». Passou meses a pensar incessantemente em Branca Dias, a documentar-se sobre engenhos de açúcar, apaixonado, alegremente obcecado. Escreveu. Levou o manuscrito a Maria do Rosário Pedreira, então editora da *Temas&Debates*, hoje a editar na Quindnovi. Ela publicou. A primeira edição esgotou. Ele admirou-se daquele sucesso. Rosário Pedreira insistiu para que continuasse a escrever, e ele foi e escreveu *A Voz da Terra* (distinguido com o Prémio Fernando Namora em 2005, e que considera ser o seu melhor romance). Depois disso nunca mais parou.